

Governo refinancia dívida junto ao Clube de Paris

Any Bourrier

Côrespondente

PARIS — O Brasil obteve um ponto positivo na negociação da dívida externa com o Clube de Paris: conseguiu reescalonar uma boa parte do débito que já havia sido reescalonado em 1988. Mas foi só. A delegação brasileira teve que reformular todo o resto da proposta que levou a Paris. A pedida brasileira não incluía desembolsos em 1992 e 93, mas acabou tendo que aceitar o pagamento de 4,1 bilhões de dólares do serviço da dívida nesse período. O Brasil pediu prazo de 18 a 20 anos para pagar, mas conseguiu 14 anos, com três de carência. Treze países participaram das negociações, além do Brasil: Áustria, Bélgica, Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Holanda, Espanha, Suécia, Suíça, Grã-Bretanha e Estados Unidos.

O presidente do Banco Central, Francisco Gros, explicou no início da madrugada de hoje, em Paris, os termos gerais do acordo, com o qual se declarou satisfeito. A partir do dia 30 de junho de 1995, quando terminar o prazo de carência, o Brasil começará a pagar o restante do débito, num esquema de amortizações crescentes até 31 de dezembro de 2006. Segundo Gros, o Brasil conseguiu um bom acordo. Ele não imaginava que a negociação fosse tão complexa e disse que estava preocupado devido às expectativas sobre o acordo no Brasil. O presidente do Banco Central afirmou que o acerto conseguido poderá aplainar o caminho das contas externas brasileiras e facilitará os entendimentos com os bancos privados.

Em Brasília, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, festejou o fechamento do acordo “que vai aliviar o Brasil de grandes pagamentos que estavam programados aos países ricos para os próximos dois anos.” Sorriente e se mostrando aliviado, Marcílio informou do acordo ao presidente Collor cinco minutos antes de dar uma entrevista coletiva. Segundo o ministro, “aos poucos, estamos norlizando nossas relações com credores internacionais e isso abrirá as portas do Brasil a novos investimentos.” Ele lembrou que o governo financia com o Japão financiamentos de 1,7 bilhão de dólares. Alguns projetos já estão aprovados e outros em acertos. O Eximbank dos Estados Unidos também “já acena com a possibilidade de novos financiamentos”, conforme o ministro.

O diálogo com o Clube de Paris acabou se revelando bem mais complicado do que a princípio se imaginava, pelas declarações otimistas dos negociadores brasileiros. Francisco Gros, Pedro Malan e Armínio Fraga, enviados ao diálogo com os representantes dos países ricos, tiveram que fazer muitas concessões em nome do Brasil. Os credores demonstraram desconfiança nas reservas brasileiras, as quais, segundo as autoridades da área financeira, seriam de 8,5 bilhões de dólares. Os países ricos, porém, apostaram em que as reservas se situam em 11 bilhões. Dessa forma, explicaram, Brasília poderia fazer um esforço para compensar a moratória de março de 1991 e assumir pelo menos 30% de seus débitos, da mesma forma que fez com os bancos credores.

Conforme a expectativa do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, o fechamento do acordo com o Clube de Paris acabou saindo antes do fim da semana, o que lhe permitirá embarcar para os Estados Unidos. Em Nova Iorque, Marcílio se reunirá com banqueiros para acelerar a negociação dos 42 bilhões de dólares devidos aos bancos privados.